

Na Ponta d'Areia uma tarde/noite alegre para festejar os 45 anos *Anderson Bentes*

• PAG. 4 e 5



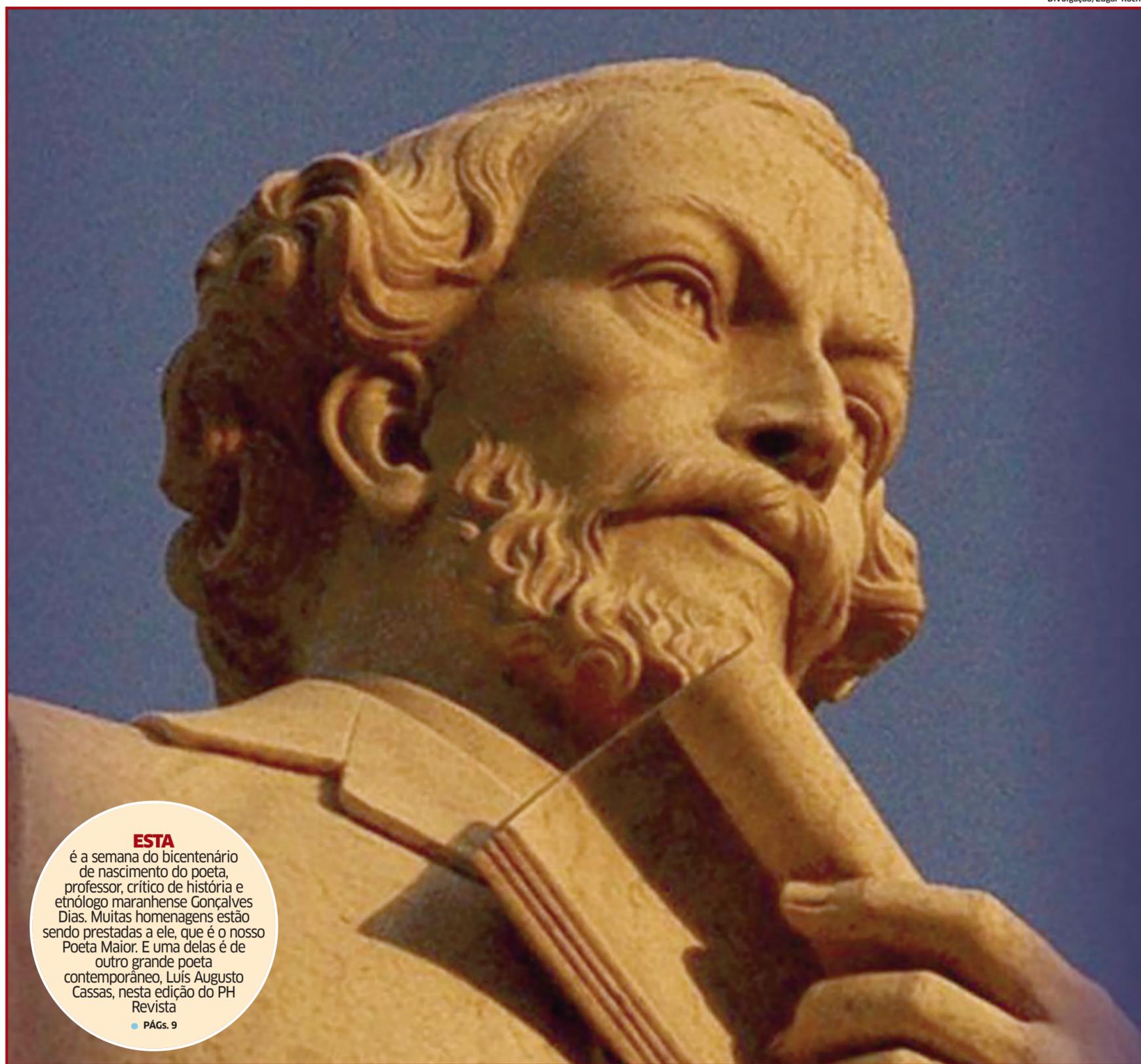
Anderson Bentes de Sousa com a esposa Michelinne e a filha Ana Clara

O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses entrou na seleta rota *de turismo de luxo*

• PAG. 8



Divulgação/Edgar Rocha



ESTA

é a semana do bicentenário de nascimento do poeta, professor, crítico de história e etnólogo maranhense Gonçalves Dias. Muitas homenagens estão sendo prestadas a ele, que é o nosso Poeta Maior. E uma delas é de outro grande poeta contemporâneo, Luís Augusto Cassas, nesta edição do PH Revista

• PÁGS. 9

1 O trânsito é um ritual de passagem que te surge na contramão do real. Não és tu que avanças: é a vida que cruza por ti, aqui prédios indistintos, ali um fugidio trecho de parque, adiante duas crianças que repartem segredos. A vida para apenas nos sinais.

Foi num deles que dei com o homem na calçada e nesse instante tive um impacto de perda. Nunca mais tornarei a ver esse homem, pensei, e isso estranhamente doeu. Mas não se pensa muito nos sinais: uma irada buzina logo atrás convocou os menos apressados a arrancar.

O que me surpreendeu naquele homem, em plena esquina da Rua do Egito com a Avenida Beira-Mar? Sua solidão? É raro a gente se deparar, em uma noite de maré alta, com alguém imune aos ventos, como se o mundo exterior o atingisse menos do que sua ausência de rumo e circunstância. Sua idade? Sei de outras pessoas que têm 80 anos ou mais, que carregam similares vincos na face e infinita neve nos cabelos e a descompanhia da aproximação da morte.

Seria sua aparente fragilidade? É provável que sim. Aquele era um homem só e velho e quebrantado. Talvez se perguntasse: aonde foi quem fui? Em que dobra do tempo, de mim me ocultei? Onde anda o rapaz das madrugadas de boemia na Praia Grande? Onde se esconde o moço seduzido por um par de olhos (negros ou verdes, pouco importa agora) convidantes ou dissimu-

RITUAL DE PASSAGEM:

na contramão do real, a vida para apenas nos sinais e cruza por ti cenas efêmeras com traços de eternidade

lados? Onde se exilam seus filhos e seus netos e os netos de seus filhos?

Aquele era um homem perplexo. Talvez se perguntado: que esquina será esta de uma cidade imensa e hostil e desconhecida? Que caminho é este, que não atino aonde me leva? Por que esta enorme procissão de carros? Serão os carros do cortejo do meu enterro?

Só e velho, aquele homem parecia me falar em sua tensa, anônima quietude: de mim me perdi; mas esta é também tua perda. Não mais me verás; e esta é uma pena que estranhamente doerá em ti. Pois somos todos compostos das mesmas células e, quem sabe, de uma só alma. Mas não se pensa nada disso no trânsito. O trânsito é uma celebração da máquina que não somos.

Ví aquele homem frágil e não me detive. Um outro homem, uma outra máquina, saindo da ponte que eu acabara de atravessar, buzina irado logo atrás, talvez movido pela impaciência de suas engrenagens, por um momento freadas no sinal vermelho.

2 Circular de carro pelo centro de São Luís não é tarefa das mais fáceis. Dia desses, uma rápida parada na Praça João Lisboa obrigou o motorista a dar infinitas voltas pelo quarteirão, o que de certa forma valeu a pena, pois testemunhei uma cena de romance.

Aquela área, por onde transita gente de toda parte, não é precisamente um espaço tranquilo, desses que convidam para dez minutos à sombra de uma árvore, para vinte, dedicados a cismares baldios. Como tantos outros nesta cidade, perdeu o encanto. Ali, marginais e deserdados batem ponto em seus descuidados canteiros. E o lugar, hoje em dia incomum para encontros, me despertou a atenção para um homem e uma mulher.

Notei que a mulher estava tensa. O homem lhe sugeria um dos bancos coloniais, ela hesitava, olhando desinquieta ao redor, como se temesse ser surpreendida. Acabou escolhendo um recanto menos exposto, vizinho ao sono matinal de três meninos de rua. Assim que sentaram, o homem

buscou aproximar-se mais; ela o deteve com um pequeno gesto nervoso. O homem não se abalou. Falava calmo, seguro de si, em determinada altura disse algo divertido, pois a mulher deixou escapar um mínimo sorriso. E então ele tornou-se mais fluente, mais insinuante.

Tenho certa milhagem nos fatos da existência: aquilo era um ritual de sedução. O cara sabia cantar como uma cotovia, pois não tardou e a dama começou a escutá-lo atenta, presa a ele, distanciada de sua própria circunstância e de seus receios. Logo ajeitava o cabelo, enovelava nos dedos a delicada haste do corte Chanel. Daí a pouco, cruzou e descruzou as pernas. Em seguida o tocou no braço - ria muito. Num instante pôs-se séria, sacudiu lentamente a cabeça, levou o indicador aos lábios dele, como se pedisse que, por favor, calasse. Mas aí ri de novo, de um riso liberto, e fingiu não perceber que estavam agora muito juntos, ao alcance de um beijo.

Meu carro, já de volta, atrapalha o trânsito. A alternativa que me restou foi mandar o motorista seguir em frente. Afastei-me sem conseguir acompanhar o desfecho de um romance que ficou no ar. Mas já que sou dotado de regular dose de fantasia, imagino que foi belo.

Pensando bem, não é de todo mau este ofício de xeretear a vida alheia. Você captura o efêmero, na ingênua tentativa de emprestar-lhe um leve traço de eternidade.



Albert Einstein e Robert Oppenheimer por volta de 1950, no Institute for Advanced Study, em Princeton, EUA

OPPENHEIMER: FIM DE JOGO

Hoje semiesquecidos, depois da deriva realista no cinema e na literatura, os “cientistas” já foram as figuras centrais da cultura pop.

Tal como a onda de choque gerada pela explosão da sua bomba fictícia, Oppenheimer trouxe uma lufada de ar fresco à sétima arte. Numa altura em que a paisagem do cinema comercial se encontra preenchida por biopics naturalistas sobre figuras históricas (como Barbie, Thor ou o Homem-Formiga), Christopher Nolan teve a coragem de seguir um rumo diferente, ao sabor da imaginação.

Hoje semiesquecidos, depois

da deriva realista no cinema e na literatura, os “cientistas” já foram as figuras centrais da cultura pop. Inventados na primeira metade do séc. XX, começaram por surgir em meios paralelos aos audiovisuais: as primeiras histórias de cientistas apareceram em “livros”, “artigos” de jornal, registos de patentes, ou papéis em publicações defuntas, como o lendário Beiblätter zu den Annalen der Physik (Suplementos aos Anais de Física), cujos números mais antigos custam hoje pequenas fortunas a fãs e colecionadores.

O primeiro cientista permanece ainda um dos mais acarinados. “Einstein”

(inventado, como muitos outros, por dois jovens judeus) estabeleceu o arquétipo no imaginário popular, e também o padrão pelo qual todas as personagens seguintes foram avaliadas. Parcialmente inspirado por figuras da mitologia grega, como Pitágoras ou Arquimedes, Einstein tinha poderes quase ilimitados, traços visuais distintivos (cabelo espetado, bigode farfalhado), e um conjunto de frases de efeito famosas que os fãs mais jovens podiam repetir (“ $E=mc^2$ ”, “É relativo!”). O seu apelo foi quase universal, mesmo que, como acontece com muitos protótipos, alguns dos elementos pareçam hoje algo exagerados e implausíveis.

De certo modo, o que aconteceu foi uma sinergia fortuita entre material e criador. Depois de desperdiçar anos de carreira a realizar resenhas biográficas pomposamente banais sobre celebridades como Bruce Wayne, Nolan encontrou finalmente o terreno ideal para os seus talentos específicos. Oppenheimer é uma criação brilhante – ao mesmo tempo o filme mais Nolan de Nolan, e aquele que alcança o melhor equilíbrio entre as suas virtudes e defeitos, um veículo perfeito para o seu fetichismo da resolução de problemas como princípio narrativo, para toda a sua pedagogia operática e simbolismo pé-de-chumbo, características por vezes tão opressivas e pedestres num contexto realista, mas que fazem todo o sentido numa história situada no domínio da pura fantasia.

Um exemplo, quase ao acaso: se a cena em que o protagonista injeta cianeto numa maçã para envenenar um professor tivesse realmente acontecido na vida real, um diretor como Nolan tentaria sempre capitalizar o incidente, espremendo a bagagem simbólica da “maçã”



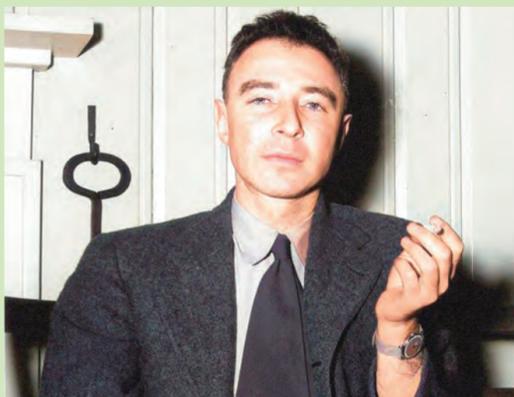
O ator irlandês Cillian Murphy interpreta o físico americano J. Robert Oppenheimer no filme de Christopher Nolan

muito além do necessário; mas porque se trata de um incidente inventado, numa história sobre uma pessoa imaginária, o problema não se coloca. Num filme biográfico convencional, esses sublinhados excessivos correm sempre o risco de roçar o ridículo e deformar o material; num conto de fadas, pelo contrário, fazem todo o sentido.

Todo o filme, na verdade, exhibe os mesmos sinais de perfeita sintonia entre o currículo de Nolan e esta história, visível até na exuberante competência com

que cataloga todos os gestos familiares da “história de cientistas”, ao mesmo tempo que os supera: pessoas de óculos a correr com papéis na mão; ou a escrever números mágicos num quadro de ardósia; ou a visualizar mentalmente os vários macguffins da história (neste caso, o clássico “átomos”, bem como uma esplêndida invenção de Nolan a que o filme chama “fissão nuclear”); ou a observarem poças de água em Cambridge; ou a despertarem nervosamente gravatas em Washington.

Todas as “epifanias” e “heurescas” (exclamação Achei! Encontrei! Descobri! atribuída a Arquimedes ao descobrir, no banho, o peso específico dos corpos). – outro tropo clássico do gênero – são devidamente assinaladas por um ligeiro arregalar de olhos e uma violenta confirmação orquestral, sem que o truque nunca ameace a mesma dedicação infatigável a um dos princípios elementares de toda a filmografia do diretor: o de que o único objetivo da trilha sonora é simular convincentemente os sintomas de uma otite crônica. E qualquer apreciador do gênero ficará extasiado com a magnífica sequência em que Oppenheimer se prepara finalmente para fazer “ciência” equipando-se com o seu uniforme infundível – chapéu e cachimbo –, com a aparição-surpresa do icônico “Einstein”; ou com o delicioso ovo de Páscoa



J. Robert Oppenheimer, em Oak Ridge, EUA, em 1946

escondido numa das últimas cenas, em que um misterioso “John F. Kennedy” é mencionado de passagem (arqui-inimigo?).

É essa promessa de desenvolvimentos futuros que mais empolga o espectador: o final ambíguo (alude-se à possibilidade de uma explosão

ainda mais poderosa, através de “hidrogénio”) deixa a porta aberta para sequelas e, quem sabe?, uma trilogia. Mas mesmo enquanto objeto autocontido, pode dizer-se que Oppenheimer é uma bomba. O cinema está de volta.



EM NOME de uma antiga amizade que vem dos saudosos tempos do jornal O Estado do Maranhão, que deixou de ser impresso há dois anos, quando o noticiário, as colunas e os suplementos entraram na era digital e migraram para o Portal Imirante.com, o reencontro dos jornalistas Wal Oliveira, o Repórter PH, Etia Vale, Ironara Pestana, Selma Figueiredo, Rubenita Carvalho, Mário Reis e Sílvia Moscoso em almoço no Bistrô Grand Cru. Cada um seguiu o seu novo caminho, mas manteve os laços de amizade sempre revigorados em reuniões como essa

Pedaços do passado

1 Viver é perder pessoas. Espero que a frase não soe demasiado trágica, pois não falo aqui dessas pessoas que partiram para o nunca mais. Falo de outras, extraviadas nesta São Luís que, como se sabe, é uma cidade cuidadosamente planejada para o desencontro.

Nos anos 1960 eu cruzava pontualmente às 8 e 14 da manhã, na Rua dos Afogados, por uma menina de fita nos cabelos, dona de uns olhos sonhadores. Sei que eram sempre 8 e 14 porque minhas aulas no Colégio São Luís começavam às 8 e 15 e eu havia cronometrado o trajeto, de modo a nunca chegar antes do primeiro toque do sino.

As aulas dela deviam principiar às 8 e 20, pois levava ainda um bom trecho até o Liceu Maranhense, ou mais simplesmente Liceu, como estava bordado em sua gravata. Como se vê, era um tempo em que as meninas usavam uniforme com gravata, geralmente azul e branco, para ir ao colégio. Cruzei por essa menina anos a fio, sem nunca haveremos trocado um bom-dia. Volta e meia eu pensava: amanhã crio coragem, convido ela para a gente matar aula na Praça Gonçalves Dias. Mas nunca convidei.

2 Num desses outonos que ficam na memória fui esperar alguém

no aeroporto e se aproximou de mim um sujeito grisalho, bem-vestido, exalando essa aparência refinada que só o dinheiro compra. Me tratou pelo nome, disse que era uma pena, pois estava embarcando naquele segundo, mas que qualquer dia desses tínhamos de traçar uma cerveja, dar boas risadas recordando a época das festas no Litero. Respondi com monossilabos cordiais: eu não fazia remota idéia de quem fosse o cara.

Só fui descobrir minutos depois, ao retirar o carro do estacionamento, operação a qual, não atino porque me faz reflexivo. O agora bem-sucedido executivo de alguma multinacional tinha sido meu colega em certos ritos de iniciação da década de 1960. A primeira visita a um cabaré, no Centro Histórico de São Luís, hoje tomabado como patrimônio da Humanidade, as primeiras reuniões dançantes na chamada alta sociedade, as primeiras paixões, casualmente por duas garotas que eram vizinhas. E eu sequer lembrava mais os jardins cúmplices daqueles palacetes da Praia Grande.

3 E tem também a Beldade. Por esse apelido atendia uma senhorita que passava à uma da tarde por minha janela. Era

bonita como aquelas girls que apareciam na revista Life, tinha um jeito delicado de estrangeira, uma elegância natural de maneiras, um corpo bem feito, um narizinho atrevido tipo o da Susan Hayward no filme Jardim do Pecado. Trajava uns tailleurs discretos, que lhe realçavam os seios, umas meias de seda com costura, umas sandálias de salto. Todos os homens, inclusive este adolescente imberbe, lhe lançavam uns olhares pedintes, mas era como se não nos visse. Desaparecia na escadaria da Rua do Giz.

Nunca me atrevi a segui-la. Preferia reter comigo sua imagem envolta em sedutores pensamentos. E um dia sumiu, se evaporou, talvez tenha casado, talvez tenha ganho um contrato de um caçador de talentos. Naquele tempo eu lia muito na revista Cinelândia sobre os tais caçadores de talentos.

Viver é perder pessoas. Perdi essas três de vista, perdi infinitas outras. E por vezes me pergunto se o paraíso não será uma branda, infinda happy hour em que desfilem, num café que jamais fecha, imperdíveis pedaços do passado.

Surrealismo e arte digital

Tempo houve que ter uma grande biblioteca era possuir 10 livros. Nas histórias da Idade Média é comum o orgulho de um nobre intelectual pela posse de um único volume porque era difícil imprimir um livro. O trabalho era único e exclusivo.

Modernamente proliferam obras literárias de todos os tipos e com todos os níveis de qualidade ou sem qualidade nenhuma. Qualquer mimeógrafo de fundo de quintal produz mais literatura ao longo de poucos dias do que todos os intelectuais da corte francesa na antiguidade.

Não sei realmente se essa comparação tem um cabimento exato, mas dá pra entender o que quero dizer.

Assim é também com a arte. Essa é uma característica do nosso mundo. As telas que custaram caríssimo para Rembrandt ou van Gogh podem ser encontradas ali na esquina, em qualquer tamanho e com excelente qualidade, por preços bem razoáveis e pagas no cartão de crédito. Sobre as tintas, nem é bom falar.

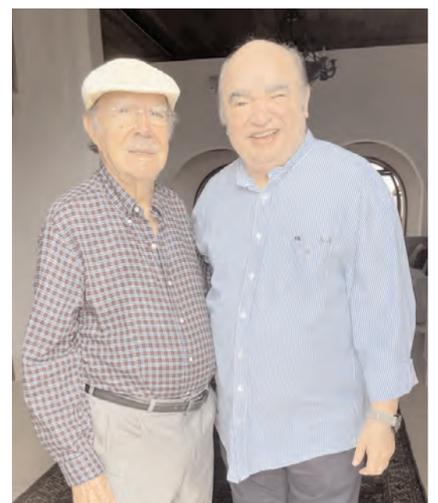
Surrealismo e arte digital...2

Para os webdesigners, na criação de trabalhos desenvolvidos com auxílio de programas do tipo Photoshop ou Corel Photo Paint, é possível misturar cores, formas e efeitos de uma maneira que não se poderia pensar faz apenas alguns poucos anos. Com isso, cria-se efeitos especiais e consegue-se dar vida a figuras inteiramente do imaginário.

Esses recursos, aliás, além de facilitar a manipulação criativa de fotografias são hoje uma ferramenta indispensável para qualquer artista. É um tipo de arte que, aos poucos, vai se tornando popular e quando a imaginação se alia a um bom programa de computador pode daí resultar verdadeiras obras de arte, o que nos faz pensar quando deixará de ser necessário aprender as sutilezas da perspectiva ou os tipos de grafite existentes, para fazer um desenho à mão livre...

Diante de tantos recursos modernos, até dá saudade do Salvador Dali.

Com um simples comando de teclas, cria-se um mundo de artes fantásticas em imagens que são shows de criatividade. E que são, também, surrealismo puro.



Repórter PH visitando o ex-Presidente José Sarney, 93 anos, para colocar as conversas em dia e reforçar os já estreitos laços de mais de meio século de amizade

Tempos de adolescente

Eu era aquele adolescente tímido, vindo do interior do Estado, que ficava fumando à espera do olhar da moça pela qual estava apaixonado. Não vou negar que gosto de passar ali, à noite, devagar, morrendo de saudades de mim mesmo.

A noite, na praça, parcamente iluminada, as moças passeavam em grupo exibindo-se aos rapazes que as observavam, com elas flertavam, de pé, geralmente também em grupo e queimando seu cigarinho. Às vezes, elas davam bola. Uma delas fazia um par enamorado que, sob tanta vigilância, não tinha espaço para seus amassos.

A prefeitura restaurou a praça que ficou uma beleza. A cidade é que é outra. De dia, a praça ainda é muito frequentada por causa do comércio. No passeio, velhos jogam damas e gamão. Quando o sol permite. Gente espera nos bancos por amigos ou para que chegue a hora dos compromissos. De qualquer modo, ganhou a estética.

Embelezar a cidade é algo que todos aplaudem.

Fotos/Divulgação



NO RESTAURANTE MAMMA As famílias se confraternizam nos fins de semana. Gente como Ana Lúcia Albuquerque, Cida Valadão com o filho Gustavo, a nora Luciana e a tia Lisiane Neiva

Violência e ultraje à cidadania

Fazemos coro com o jornalista Flávio Tavares quando diz que a violência domina nosso dia a dia. E que já temos temor de sair à rua, mais ainda falando ao celular, até nas urgências. Às noites, tudo piora e o medo se multiplica.

Em São Luís, há algum tempo chegou a haver até um morto a facadas e, logo,

esquartejado, cortado em pedaços, como carne em açougue. O roubo de automóveis tem diminuído depois que colocaram câmeras nas principais sinaleiras, mas permanece como ameaça. E ainda “agradecemos” aos ladrões pela “bondade” de nos deixar com vida?

Os jornais e a TV noticiam, quase diariamente,

mortes e roubos. A violência da fraude invadiu os negócios e cresceu assustadoramente com os golpes virtuais. Temos de nos cuidar até do telefone celular, pois nos chamam de um suposto banco oferecendo um empréstimo inexistente.

Os celulares furtados no país em 2022 equivalem a quase um caso por minuto.

Violência e ultraje à cidadania...2

O estelionato transformou-se em parte da vida diária e nos ameaça tal qual o assalto de rua para arrancar a bolsa das mulheres. Os assassinatos estão “em queda”, segundo as estatísticas, mas ainda são altos e chegam a 130 por dia no país. Os estupros chegam a

oito por hora (acentuado, oito por hora) no país e em 2022 totalizaram 74.951 casos.

Em grande parte, as vítimas foram meninas menores de 14 anos.

A violência vem, também, dos próprios magistrados, cuja função é vigiar o cumprimento das leis que nos

protegem como cidadãos. Na semana passada li nos jornais uma lista de desembargadores do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul e juízes que percebem mais de R\$ 500 mil ao mês. Indagamos: vindo de juízes, não é isso uma violência e um ultraje à cidadania?

Violência e ultraje à cidadania...3

A violência das violências, porém, continua a ser nosso descaso com a preservação do meio ambiente. Os efeitos brutais da crise climática, cuja mostra aparece agora no

verão do Hemisfério Norte, são a cicatriz visível do horror que nos ameaça.

Mas continuamos insensíveis, poluindo a vida com combustíveis fósseis e carros a gasolina ou

diesel, sem maiores iniciativas de veículos elétricos?

Em suma, chegamos à triste conclusão de que, em verdade, somos todos violentos ao admitir a violência!

Casa de Pablo

Causou um certo burburinho a notícia de que a cantora Pablo Vittar estaria interessada na compra de uma casa em condomínio de luxo em São Luís.

O imóvel, que abrigaria a família de Pablo, também serviria como ponto de descanso entre as intermináveis turnês da cantora.

O valor ofertado pela artista, porém, foi recusado pela proprietária da casa, que diz não aceitar menos do que 15 milhões no negócio.

Libertinagem em disco

A propósito, a drag queen mais famosa do Brasil, nascida no Maranhão, está lançando um novo trabalho musical: um álbum de remixes, no clima de festa e luxúria que

caracterizou discos anteriores.

A fase, portanto, é mais pesada, e talvez tenha deixado a provável vizinhança do condomínio com a pulga atrás da orelha. “Quando acabou a

pandemia, pude fazer um laboratório, ir para a noite, me reconectar com o meu eu que gosta de libertinagem”, disse Pablo em entrevista recente ao jornal “O Globo”.

Melhores vinícolas do mundo

O prêmio World's Best Vineyards 2023 elegeu a argentina Catena Zapata como a melhor vinícola de enoturismo do mundo, de uma lista com cinquenta estabelecimentos.

O ranking não avalia somente a qualidade dos rótulos da vinícola, mas também os tours, a infraestrutura, a gastronomia, a

degustação, o local, a vista – tudo o que contribui para a experiência do visitante.

Todos os cantos do mundo apareceram no top 50. A sul-africana Creation (4ª posição), a francesa Château Smith Haut Lafitte (5ª posição), a neozelandesa Rippon (11ª posição), a norte-americana Jordan Vineyard & Winery (20ª posição)

e a japonesa Château Mercian Mariko Winery (38ª posição) foram os destaques de seus continentes.

Além do primeiro lugar, 15 vinícolas da América do Sul foram classificadas no ranking: sete chilenas, seis argentinas e duas uruguaias.

Lamentável: nenhuma vinícola brasileira entrou na lista.

Biografia de Gonçalves Dias

O presidente da Academia Maranhense de Letras, Lourival Serejo, tem batido ponto todos os dias numa gráfica de São Luís.

Ele acompanha de perto a impressão de uma série de títulos que a AML vai lançar por ocasião do bicentenário de nascimento do poeta Gonçalves Dias.

Um dos livros já concluídos e disponíveis para venda na livraria da AML é “Gonçalves Dias”, de Antônio Henriques Leal, em parceria com a editora da Universidade Estadual do Maranhão.

A bela publicação é um tiro certo de Serejo, já que o conteúdo – que integra uma série de estudos de Henriques Leal sobre o chamado panteão maranhense – está sendo editado pela primeira vez isoladamente.

Segundo o presidente da AML, o livro pode ser considerado como “a biografia das biografias de Gonçalves Dias”.

As raízes de Merval Pereira

Jornalismo, literatura e política estão presentes na história familiar do presidente da Academia Brasileira de Letras, o jornalista Merval Pereira, e o aproximam do Maranhão.

Ele é neto do maranhense Clodomir Cardoso, um dos fundadores da Academia Maranhense de Letras e criador da Cadeira nº 12, para a qual escolheu como patrono o jornalista Joaquim Serra.

O avô do presidente da ABL também exerceu o jornalismo como redator e diretor do jornal “A Pacotilha”.

Cardoso ainda teve atuação na política como senador da República, interventor no Maranhão, constituinte de 1946.

Em 1917, eleito prefeito de São Luís, introduziu a iluminação elétrica na cidade, fato registrado no romance “Degraus do Paraíso”, do acadêmico Josué Montello.

Acompanhado desse legado, Merval Pereira estará em São Luís no dia 10, próxima quinta-feira, para participar da sessão solene comemorativa ao Bicentenário de Nascimento do Poeta Gonçalves Dias e aos 115 anos de fundação da Academia Maranhense de Letras, com cerimônia de entrega da Medalha 200 Anos de Gonçalves Dias.

Em nome da poesia

Não faz muito tempo, o professor, membro da Academia Brasileira de Letras e presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Marco Lucchesi, esteve em São Luís, e ao voltar pra casa deu entrevista a um jornal especializado em literatura.

“Vejo poetas excelentes em todo lugar. Agora, vim do Maranhão. Lá, há poetas maravilhosos, jovens e não-jovens”.

Lucchesi está de volta à Ilha, em nome da poesia, desta vez para prestigiar as homenagens ao escritor e poeta Gonçalves Dias, nos seus 200 anos de nascimento.

Na segunda-feira, 7 de agosto, às 18h, na AML, ele vai ministrar a palestra “Gonçalves Dias, uma ideia de Brasil”.

A cidade interior

Lucchesi defende a ideia de que “formar uma biblioteca é ser o primeiro prefeito da sua cidade interna”.

Em tempo: ele confirmou uma visita à Biblioteca Pública Benedito Leite, onde será recebido pela diretora Aline Nascimento e o secretário de Cultura do Estado, Yuri Arruda.

Uma excelente oportunidade de conferir o primoroso trabalho da equipe coordenada por Aline em prol da difusão na leitura, especialmente nas escolas de ensino básico dos municípios maranhenses.

ACADEMIA

celebra o bicentenário do poeta Gonçalves Dias com sessões solenes e palestrantes renomados

O maranhense Gonçalves Dias completa seu bicentenário de nascimento no próximo dia 10 de agosto. Considerado o mais importante poeta do Romantismo brasileiro, autor do poema Canção do Exílio, foi também etnógrafo, dramaturgo, historiador e professor. Foi membro criador da Escola Indianista ou Panteísta. Por sua imensa contribuição literária, é patrono nas Academias Brasileira de Letras, Brasileira de Filologia, Maranhense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Na mesma data será comemorado o aniversário de 115 anos de atividades

da Academia Maranhense de Letras.

O Bicentenário de Nascimento do poeta Antônio Gonçalves Dias tem sido celebrado ao longo do ano por meio de uma série de eventos organizados pelo Comitê Especial Gonçalves Dias 200 Anos, da Academia Maranhense de Letras.

Na primeira semana de agosto começa o ciclo de palestras ministradas pelo professor, membro da Academia Brasileira de Letras e diretor da Biblioteca Nacional, Marco Lucchesi; pelo escritor e membro da Academia Brasileira de Letras, Antônio Carlos Secchin; e pela escritora Ana Miranda.

A programação

contempla ainda o lançamento do selo oficial Gonçalves Dias 200 Anos, a sessão solene comemorativa ao Bicentenário de Nascimento do Poeta Gonçalves Dias e aos 115 anos de fundação da Academia Maranhense de Letras, com cerimônia de entrega da Medalha 200 Anos de Gonçalves Dias.

As homenagens se estendem para fora do Maranhão e repercutem, em Brasília, onde os deputados federais participam de uma sessão solene proposta pelo deputado federal Márcio Jerry (PCdoB-MA), em homenagem ao Bicentenário de Gonçalves Dias, no dia 14 de agosto, no Congresso Nacional.

Fotos/Divulgação

MARCO LUCCHESI

Membro da Academia Brasileira de Letras. É o sétimo ocupante da cadeira nº 15, eleito em 3 de março de 2011, na sucessão de Pe. Fernando Bastos de Ávila, foi recebido em 20 de maio de 2011 pelo Acadêmico Tarcísio Padilha. Foi eleito Presidente da ABL para o exercício de 2018, 2019, 2020 e 2021. É professor titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de presidente da Fundação Biblioteca Nacional.

Marco Americo Lucchesi nasceu em 9 de dezembro de 1963, no Rio de Janeiro.

Poeta, romancista, memorialista, ensaísta, tradutor e editor, em sua ampla produção, contemplada por diversos prêmios, destacam-se: Sphera, Meridiano Celeste e Bestiário e Clio (poesia); O



Dom do Crime, O Bibliotecário do Imperador e Adeus, Pirandello (romances); Saudades do Paraíso e Os Olhos do Deserto (memória); A Memória de Ulisses e O Carteiro Imaterial (ensaio). Traduziu diversos autores, dentre os quais,

publicados em livro, dois romances de Umberto Eco, a Ciência Nova, de Vico, os poemas do romance Doutor Jivago, obras de Guillevic, Primo Levi, Rumi, Hölderlin, Khlebnikov, Trakl, Juan de la Cruz, Francisco Quevedo, Angelus Silesius.

ANTÔNIO CARLOS SECCHIN

Membro da Academia Brasileira de Letras, onde é o sétimo ocupante da Cadeira nº 19, eleito em 3 de junho de 2004, na sucessão de Marcos Almir Madeira e recebido em 6 de agosto de 2004 pelo acadêmico Ivan Junqueira.

Antonio Carlos Secchin nasceu no Rio de Janeiro em 10 de junho de 1952.

É Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1982). Professor de Literatura Brasileira das Universidades de Bordeaux, (1975-1979), Roma (1985), Rennes (1991), Mérida (1999) Paris III-Sorbonne Nouvelle (2009) e da Faculdade de Letras da UFRJ, onde foi aprovado (1993), por unanimidade, com nota máxima, em concurso público para professor titular. Ministrou



50 cursos de pós-graduação, no país e no exterior. Em

2013, tornou-se professor emérito da UFRJ.

ANA MIRANDA

Nasceu em Fortaleza, em 1951. Morou em Brasília, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Hoje vive no Ceará. Estreou como romancista em 1989, com Boca do Inferno (prêmio Jabuti de revelação). De lá para cá escreveu diversos romances, entre eles Desmundo (1996), Amrik (1997) e Dias & Dias (2002, prêmio Jabuti de romance e prêmio da Academia Brasileira de Letras). Foi escritora visitante em universidades como Stanford e Yale, nos Estados Unidos, e representou o Brasil perante a União Latina, em Roma.

Ana Miranda é autora do livro Dias & Dias Dias & Dias, publicado originalmente em 2002, no Brasil. Trata-se da biografia romaneada do poeta romântico Gonçalves Dias, sob a óptica feminina da autora.

No dia 10, ela será



homenageada em Caxias, onde fará a palestra “Gonçalves Dias, uma paixão”, no auditório da Prefeitura da cidade.

Ela vai à Princesa do Sertão acompanhada por um grupo de acadêmicos das Academias Ludovicenses e Maranhense de Letras.



Em volta da mesa do bolo de aniversário, Adriano e Luana Bentes de Sousa, Edson Fernandes de Sousa e Valdira Bentes de Sousa, Ana Clara, Michelinne e Anderson Bentes de Sousa, Ana Célia e Maurício Feijó



Michelinne e Anderson Bentes de Sousa com o Repórter PH

MEIA-IDADE: a bonita festa comemorativa dos 45 anos de Anderson Bentes de Sousa

Enganam-se os que pensam que só as mulheres atingem a chamada Idade da Loba. Os homens, também. É quando, após os 40 anos de idade, eles passam a caminhar pelo desconhecido mundo da meia-idade. É, nessa faixa de idade, a maior transição enfrentada pelo homem. É quando ele passa a questionar tudo, inclusive a vida. E nessa faixa muitos se transformam em "lobos vorazes".

Mas isso, para a maioria, dura pouco e não passa de uma simples aspirina, um alívio temporário a conflitos emocionais mais sérios. É

na década dos 40 anos de idade que o homem reavalia seu valor pessoal, se há alvos e sonhos não alcançados.

A regra, ao reconhecer essas mudanças é cuidar da autoestima e identidade pessoais; é incorporar as mudanças que o enriquecerão positivamente; é estar aberto a transformações e possibilidades futuras; é construir uma identidade adequada ampliando e diversificando papéis significativos em outras áreas de sua vida e expressar seus sentimentos.

Sobre o tema, Benjamin Franklin foi contundente: "Aos 20 anos, a

vontade é soberana; aos 30, o espírito; aos 40, a razão".

Foi com esse espírito que Anderson Bentes de Sousa chegou à metade da década quarentã e festejou em grande estilo seus bem vividos 45 anos de idade, tendo ao seu lado a esposa Michelinne, a filha Ana Clara, os pais Valdira e Edson Fernandes de Sousa e os sogros Ana Célia e Maurício Aragão Feijó.

Cercado de muitos amigos – a maioria de sua geração – Anderson ofereceu uma bela recepção na área de festas do Condomínio Ecolagune, na Ponta do Farol (Ponta d'Areia), na tarde do último

sábado.

Mais ficou por conta dos deliciosos quitutes – uma suculenta feijoada como carro-chefe – servidos pelo buffet Class Eventos (de Francisca e Marcio Barbosa), da boa bebida que transbordava nos copos e do clima de alegria e simpatia que tomou conta do ambiente até o começo da noite.

É claro que não faltaram bolo de aniversário, coro de parabéns pra você e um grupo alegre se esbaldando na pista de dança, graças à animação de um excelente conjunto musical liderado pelo cantor Rhúzell Póvoas.



Pedro Wanderley e Vânia Aragão



Carla Moraes e Tula Siqueira



Sentados: Letícia Arraes e Rodrigo Bezerra, Ribamar e Janaína Oliveira, Daniela e Rodrigo Louzeiro. Em pé: Daniel Aragão Albuquerque Filho, Gustavo de Albuquerque Belfort e Anderson Bentes de Sousa.



Natália Feijó, Ana Célia Feijó, Polênia Dias, Michelinne Feijó e Clores Holanda



Michelinne e Anderson Bentes de Sousa com Fernanda e Amadeu de Araújo Costa, Guilherme Albuquerque de Araújo Costa e Aline Kzam



João Nunes Neto, o aniversariante Anderson e Thatiana Bandeira



Ana Célia e Maurício Aragão Feijó



Maria da Graça Albuquerque e Francisca Barbosa



Valdira e Edson Fernandes de Sousa



Adriano Bentes de Sousa e Adriana



Natália Milhomem, Michelinne Feijó, Polênia Dias, Daniela Milhomem e Clores Holanda



Gustavo de Albuquerque Belfort com João Nunes Neto e Maria da Graça Albuquerque



Stênyo e Marina Melo



André e Jurema Bogéa



Natália e Alberto Bastos com os anfitriões



Andrea e José Roberto Araujo



Silvia Albertin e Fabio Câmara, Francisca e Márcio Barbosa



Raphaela Teixeira e Clores Holanda



Daniela e Joelson Milhomem



Anderson e Michelinne com José Maria e Natália Milhomem



Fotos/Reprodução

EÇA DE QUEIROZ

vai para o Panteão Nacional de Portugal no dia 27 de setembro deste ano

O programa das cerimônias deverá ser anunciado por todo este mês pelo grupo de trabalho que a Assembleia da República criou para organizar a transladação.

Os restos mortais do romancista Eça de Queiroz (1845-1900) vão ser trasladados para o Panteão Nacional, na Igreja de Santa Engrácia, em Lisboa, no próximo dia 27 de setembro. A concessão de honras de Panteão Nacional ao autor de Os Maias foi aprovada por unanimidade pela Assembleia da República em janeiro do ano passado, "em reconhecimento e homenagem pela obra literária ímpar e determinante" que este deixou à literatura em língua portuguesa.

Considerado um dos mais importantes escritores em língua portuguesa, Queiroz morreu em 16 de agosto de 1900, aos 54 anos, e foi sepultado em Lisboa. Já em setembro de 1989, os restos mortais dele foram transportados do Cemitério do Alto de São João, na capital, para um jazigo de família, no cemitério de Santa Cruz do Douro, em Baião.

A resolução foi proposta diante de uma incitação lançada pela Fundação Eça de Queiroz que aponta o fato da lei portuguesa definir e regular as honras do Panteão Nacional destinadas a "homenagear e a perpetuar a memória dos cidadãos portugueses que se distinguiram pelos serviços prestados ao país".

A ideia partiu da Fundação Eça de Queiroz, sediada na Casa de Tormes, em Santa Cruz do Douro, concelho de Baião, e foi acolhida por um conjunto de deputados socialistas, que apresentou um projeto de resolução ainda no final de 2020, quando se assinalaram os 120 anos da morte daquele que é unanimemente considerado um dos maiores escritores



portugueses de todos os tempos.

O grupo de trabalho, coordenado pelo socialista Pedro Delgado Alves, inclui deputados de todos os partidos, e ainda o atual presidente da Fundação Eça de Queiroz, o escritor Afonso Reis Cabral, bisneto do homenageado.

Eça de Queiroz nasceu em 1845 na cidade Póvoa de Varzim, no distrito do Porto. E morreu em 16 de agosto de 1900, na sua casa de Neuilly-sur-Seine, perto de Paris, onde ocupou o seu último posto consular, e foi sepultado no Cemitério do Alto de São João, em Lisboa.

Autor de obras que fundaram o romance moderno português, como O Crime do Padre Amaro, O Primo Basílio, A Relíquia ou Os Maias, considerado a sua obra-prima, Eça de Queiroz vai juntar-se, no Panteão Nacional, a autores como Almeida Garrett, João de Deus, Guerra Junqueiro,

Aquilino Ribeiro e Sophia de Mello Breyner, aos quais se poderia ainda somar os dois primeiros presidentes da I República, Manuel de Arriaga e Teófilo Braga, ambos também escritores.

A escritora Sophia de Mello Breyner Andresen, em 2014, e o futebolista Eusébio da Silva Ferreira, em 2015, foram as duas últimas personalidades cujos restos mortais foram trasladados para o Panteão da Igreja de Santa Engrácia.

Mais recentemente, o Panteão descerrou uma lápide que homenageia Aristides de Sousa Mendes, mas os restos mortais do diplomata – o cônsul português em Bordeaux que ignorou as ordens de Salazar e concedeu milhares de vistos a refugiados do nazismo – não foram sepultados no Panteão Nacional, tendo permanecido no cemitério de Cabanas de Viriato, em Carregal do Sal.



No Panteão Nacional, Eça juntar-se-á a autores como Almeida Garrett, João de Deus, Guerra Junqueiro, Aquilino Ribeiro e Sophia de Mello Breyner



Rommel (já está de volta ao Canadá), Maria Vandira Peixoto, Betto Pereira, o Repórter PH, Kécio Rabelo e Teresa Martins

CHORO E SAMBA NO CONVENTO

Com uma noite marcada pelo chorinho, um dos mais originais estilos de música brasileira, o Grupo Regional Tira-Teima e a Banda Choro e Samba se apresentaram, na última sexta-feira (28), no Convento das Mercês, no Centro Histórico de São Luís, para homenagear os artistas que mudaram de idade nos dois últimos meses deste ano.

A celebração aos artistas maranhenses é uma iniciativa da Fundação da Memória Republicana Brasileira (FMRB), que através do projeto Choro e Samba no Convento, realiza a cada mês um show naquele

espaço que guarda um museu com livros e objetos históricos do acervo pessoal do escritor e ex-presidente da República José Sarney.

O projeto visa homenagear cantores, compositores e intérpretes nascidos no mês, como uma retribuição aos que levam o nome do Maranhão para todo o Brasil e o mundo. Os homenageados fazem participações especiais, com um repertório que vai de Pixinguinha a Noel Rosa.

O pátio do Convento das Mercês, onde é realizado o show, reuniu em sua última edição, artistas, turistas, famílias vizinhas ao espaço e diversos outros apreciadores do choro e do samba.

A iniciativa começou em março deste ano e a cada mês homenageia artistas locais que fazem aniversário e contribuem com a cultura do estado. A última edição reuniu aniversariantes dos meses de junho e julho. O público tem acesso gratuito ao show.

O que testemunhamos na última sexta-feira de julho foi uma noite de conagração, música da melhor qualidade e um clima musical de alegria e simpatia comandado pelo diretor geral da Fundação da Memória Republicana Brasileira, Kécio Rabelo, e pelos diretores Teresa Martins (administrativa e financeira) e o diretor artístico Josias Sobrinho.



Rose e Betto Pereira com Rommel, Kécio Rabelo e o cantor PP Júnior



Rommel com Maria Vandira Peixoto e o Repórter PH



Os cantores e compositores Gerude e Chico Saldanha



Jornalista Paula Santana (de Brasília) com o Repórter PH



Idelíte Wanderley Martins, Teresa Martins e Gorette Wanderley Muniz Mendes

Evandro Júnior
 @evandrojr@imirante.com.br

TAPETE VERMELHO

[@evandrojr](https://twitter.com/evandrojr)
[@evandrojr](https://www.instagram.com/evandrojr)



Paulo Ricardo Dias com a mãe, Neide Dias, posa ao lado do bolo confeccionado por Iran Cakes



O aniversariante entre os irmãos Isabel Cristina, Ana Tereza, Antônio Jorge, Luciene, Jorge Antônio e Lícia

Paulo Ricardo Dias comemora aniversário ao lado da família e amigos

O empresário e escritor Paulo Ricardo Dias, maranhense que há 37 anos reside no Rio, desembarcou em São Luís para comemorar seu aniversário entre familiares e amigos mais próximos.

Optou por um jantar oferecido no elegante apartamento da irmã Ana Tereza, na Ponta do Farol. Aliás, Tereza e o marido, o médico Claubert Dias, foram impecáveis, agradáveis e gentis anfitriões. O cardápio especial foi assinado pela Chef Cláudia Viegas, do Buffet da Buba.

Muito feliz entre pessoas de seu convívio todas as vezes que retorna a sua terra natal para,

principalmente, rever a mãe, dona Neide Dias - que do alto dos seus 96 anos distribuiu energia e surpreende com sua memória de fazer inveja a qualquer jovem de 20 anos, Paulo Ricardo recebeu com seu espírito alegre de sempre e na hora do corte do bolo fez um brinde à amizade, frisando a importância de se valorizar a família e nunca esquecer as raízes.

Paulo também veio ao Maranhão com um outro propósito: organizar o lançamento do livro "O Azarado Mais Sortudo do Mundo", a ser lançado na capital maranhense na segunda quinzena

do mês de novembro.

Na obra, o empresário relata passagens inusitadas de sua vida, incluindo situações vivenciadas em viagens a outros países, de uma maneira descontraída, assim como fez em 2021, quando de sua participação no programa "Que história é essa Porchat?", da Rede Globo, e de cuja edição participaram, também, o cantor Dudu Nobre e o ator Bruno de Lucca.

O livro sairá pela editora Recanto das Letras, de São Paulo, sob a coordenação e produção de Cássia Oliveira.



Paulo Ricardo entre o empresário André Fonseca e a sobrinha, advogada Carla Araújo



O empresário entre a irmã Ana Tereza e o esposo, médico Claubert Dias



Paulo entre os sobrinhos Romeu Soares, estudante de Educação Física, e João Victor (acadêmico de Medicina)

O jornalista Evandro Júnior e o aniversariante Paulo Ricardo Dias entre os irmãos gêmeos univitelinos Pedro Henrique e Pedro Lucas



A pedagoga Lícia Dias, João Victor, dona Neide Dias e a psicóloga Isabel Cristina



Paulo Ricardo entre Isabel Cristina e os amigos de longa data Jacqueline e Humberto Oliveira



Evandro Júnior com a simpática psicóloga Isabel Cristina



Paulo Ricardo entre a sobrinha, modelo Sara Soares, e sua mãe, Teresa Soares



Sara, João Vitor, Renata Silva, Ana Carolina, Ana Clara, Paulo Ricardo, dona Neide Dias, Carla, Dieguinho e Romeu Soares



Antônio Jorge e o empresário Raul Silva, sócio do restaurante Casa de Juja, atualmente instalado no Hotel Brisamar, na Ponta d'Areia

Fotos/Reprodução



Os passeios são customizados cada hóspede

TURISMO DE LUXO

TP Group “descobre” o Brasil e investe nos Lençóis Maranhenses

A reportagem é do site NeoFeed, que conta que a primeira propriedade do TP Group é a Casa Lençóis, que fica nos Lençóis Maranhenses (MA). O Delta do Parnaíba, Chapada Diamantina, Amazônia e Bonito são os próximos endereços.

Expert em viagens de alto padrão, a Teresa Perez Tours passou recentemente por uma reestruturação. Faz parte do TP Group, que agora conta com seis braços de negócios, uma espécie de “pequeno conglomerado de turismo”.

A joia da coroa é a recém-lançada Oiá Casa Lençóis. Situada nos Lençóis Maranhenses (MA), a hospedaria, como preferem chamar, é a primeira propriedade da investida dos Perez no segmento de hospitalidade.

O projeto é capitaneado por

Perez e sua mulher, a designer de interiores Marina Linhares Tomás, e parece traduzir, da moda para a hotelaria, o conceito de quiet Luxury – uma proposta ao mesmo tempo sofisticada e simples.

A Casa fica em Santo Amaro, a 250 km de São Luís, e tem apenas cinco suítes. Na construção principal, já existente, há uma suíte de 26 m² na parte superior, embaixo, ficam a cozinha, uma área de convivência com sala e um grande terraço. A poucos metros, foram erguidos dois

bangalôs, com duas suítes de 31 m² cada.

A criação da marca Oiá não deixa de reverberar a maior procura do viajante brasileiro pelo turismo interno, impulsionado pela pandemia. “Ele se firmou e está cada vez mais forte”, diz Perez, ao NeoFeed. “A gente nunca foi de vender destinos no Brasil, o portfólio era muito pequeno. Tem gente que acha até estranho a gente investir agora justamente no país”.

A escolha pelos Lençóis

Maranhenses, por sua vez, “espelha o DNA da Teresa Perez Tours”, uma agência sinônimo de exploração de lugares remotos, como Antártica e Ártico, de hospedagens em desertos ao redor do mundo, de safaris e destinos pouco comuns no mercado de alto padrão, como a Etiópia. Entre os pacotes com valores mais altos estão as navegações de volta ao mundo – a partir de US\$55 mil – a expedição à Antártica – começando em US\$45 mil.



A casa fica em Santo Amaro, a 250 km de São Luís, e tem apenas cinco suítes

A Casa Lençóis foi implantada numa área de 52,5 mil metros quadrados de vegetação natural, na antiga fazenda Boca da Ilha. De São Luís a Santo Amaro, os hóspedes podem ir de transfer, uma viagem que dura até 4 horas. A alta temporada é de julho a outubro – abril e maio são os

meses de chuvas intensas na região, e a casa fecha para manutenções.

As diárias variam de R\$ 7,8 mil a R\$12,1 mil, e a estadia mínima é de três noites. As tarifas incluem todas as experiências, da gastronomia aos passeios. O TP Group não revela as cifras do investimento.

Turismo Regenerativo

Para conceituar a hospitalidade da Casa Lençóis, em especial as experiências oferecidas aos hóspedes, Perez e Linhares tiveram a consultoria do francês Thierry Teyssier, proprietário do hotel marroquino Dar Ahlam.

Foi Teyssier quem apresentou a propriedade nos Lençóis Maranhenses a Perez, depois de que, em 2019, o hôteleiro levou ao lugar o 700 Mil Horas, seu projeto de hospitalidade itinerante.

Após a criação da marca Oiá e da Casa Lençóis, Teyssier convidou o chef francês Cedric Nieuviarts para orientar a gastronomia da hospedaria, com ingredientes locais e sazonais, o

que faz com que o cardápio varie diariamente.

Linhares se encarregou do projeto de interiores, em que investiu em brasilidades, privilegiando desde o artesanato regional, feito com cerâmica ou palha, até peças emblemáticas do design modernista brasileiro, de nomes como Lina Bo Bardi.

Até 2024, a designer e Perez pretendem abrir uma segunda propriedade da marca Oiá, no Delta do Parnaíba, entre os estados do Maranhão e Piauí.

A lista de destinos-endereços futuros inclui o Amazonas, a Chapada Diamantina (BA) e Bonito (MT).



A designer Marina Linhares e o CEO da TP Group Tomáz Perez

PERFUME

Qual perfume excita a mulher? Essas 5 fragrâncias garantem efeitos afrodisíacos

Perfumes são muito mais do que apenas fragrâncias que usamos para cheirar bem. Eles têm o poder de trazer memórias, alterar nosso humor e até mesmo aumentar nossa atração por outras pessoas. Existem algumas fragrâncias que são especialmente conhecidas por terem efeitos afrodisíacos. Vamos descobrir quais são as cinco principais fragrâncias que prometem agitar os sentidos.

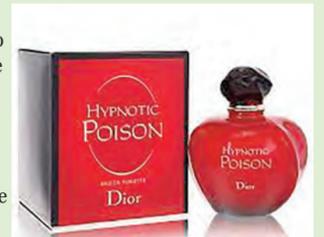


1. Eau Parfumée au Thé Blanc de Bvlgari

Esse perfume é um exemplo perfeito de como um aroma suave e sutil pode ser incrivelmente sedutor. A essência principal do perfume é o chá branco, que é combinado com acordes de almíscar e âmbar para criar uma fragrância leve e refrescante. Esta fragrância é frequentemente associada a sensações de conforto e intimidade, tornando-se ideal para momentos mais íntimos.

2. Black Orchid de Tom Ford

Repleto de acordes quentes e temperados como trufa preta, orquídea negra e patchouli, o Black Orchid é considerado por muitos como um perfume sedutor. Ele tem uma fragrância exótica e intrigante que pode despertar a curiosidade e interesse.



3. Hypnotic Poison de Dior

Este perfume é uma mistura irresistível de amêndoas, alcaça e baunilha, criando uma fragrância doce e inebriante que é difícil de resistir. A fragrância é calorosa, convidativa e absolutamente cativante, tornando-se uma excelente escolha para quem procura aumentar a atração.



4. Flowerbomb de Viktor & Rolf

Este perfume é uma explosão floral de jasmim, frésia e rosa, que são acentuadas por uma base quente de patchouli e baunilha. É um perfume intoxicante que é conhecido por seu poder de sedução e capacidade de criar uma atmosfera romântica.

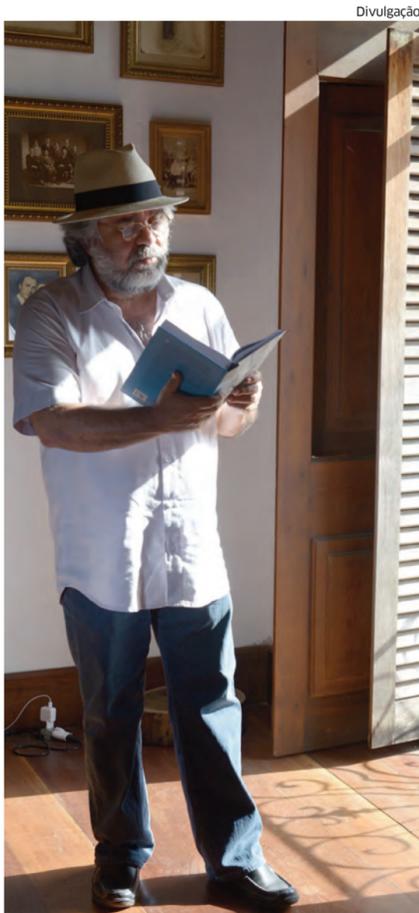


5. Angel de Thierry Mugler

Este perfume é uma combinação sensual de mel, baunilha e chocolate escuro, proporcionando uma fragrância que é ao mesmo tempo doce e sedutora. Ele é rico e intenso, perfeito para aqueles que procuram uma fragrância que possa aumentar o desejo e a excitação.



Em conclusão, estas são apenas algumas das muitas fragrâncias disponíveis que têm potencial para despertar e excitar. Lembre-se sempre que o perfume perfeito para você é aquele que faz você se sentir confiante e atraente. Afinal, a atração mais poderosa vem de dentro.



O poeta Luís Augusto Cassas

GONÇALVES DIAS,

o rugido do Leão na selva do coração

O grande poeta maranhense de ressonância universal, Antonio Gonçalves Dias, emplaca neste 10 de agosto, o bicentário de sua jovem eternidade.

Quem o admira pelos seu notável e retumbante estro, sempre sucumbiu à força inventiva com que vestiu os seus poemas, nutridos de potente inspiração, rico sentimento autobiográfico e da terra natal, fecundado pela capacidade de formulação da defesa de nossas raízes, onde avulta a paisagem e a defesa dos índios e do amor e da paixão, no qual sorveu o licor do encontro mas também da perda. Em tudo, foi fiel ao itinerário existencial dos grandes românticos, como no romance frustrado com Ana Amélia Vale.

Nós, maranhenses, vivemos sob o panteão lírico da sua poesia e presença, imortalizada de maneira indelével na memória e nos logradouros batizados em seu nome, notadamente a Praça Gonçalves Dias, onde avulta sua estátua de garbosa envergadura olhando o mar em direção a Atins, onde naufragou e sucumbiu, solitário e doente, no naufrágio do Ville de Boulogne. É nesse espaço urbanístico, inaugurado em 1873, moldado por palmeiras e cantos de pássaros, incluindo sabiás, que o romantismo existencial através da presença constante de casais de enamorados sob o olhar do poeta, colhem a emanação e fragrância do perfume amoroso. O poético, o sublime, a densidade narrativa, a explosão

imagística, de obra lírica e épica de Gonçalves Dias buscou modelo, em nossa natureza, na figura do índio, recorrendo aos seus mitos, lendas, dramas e conflitos, sobrepujando por força, beleza e inventividade, o tema que outros poetas já tinham utilizados em suas obras. Mas coube a Gonçalves Dias dar perenidade literária e significância patriótica ao rico valor do conteúdo simbólico, elevando o Indianismo à legítima expressão fundadora da literatura nacional, modulada por seus poemas de ritmo variado, leitura do sentimento heróico e guerreiro de nossos primeiros habitantes. O grande bardo maranhense perfila ao lado do romancista José de Alencar, a dupla que conferiu caráter nacional à literatura brasileira.



A praça Gonçalves Dias vista por Marcus Studio

O ÍNDIO E O AMOR

a devoção aos valores da terra maranhense

O Índio e o Amor foram as duas vertentes fundamentais da lírica gonçalvina. A obra indianista está contida nas "Poesias Americanas", dos Primeiros Cantos, Segundos Cantos e Últimos Cantos, sobretudo nos poemas Canto do Piaga, Canto do Tamoio, Canto do Guerreiro e I-Juca Pirama, este certamente o ponto mais alto de sua obra e toda a literatura indigenista. É considerado uma das obras-primas da poesia brasileira e universal. A Maldição do Guerreiro Tupi, trecho exemplar do I Juca Pirama, é um dos mais ricos mananciais desta poesia esculpida na dimensão do valor e da sabedoria da tradição:

A MALDIÇÃO DO GUERREIRO TUPI

(Excerto do I JUCA PIRAMA)

Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés.

Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!

Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a frente pousar.

Que a teus passos a relva se torre;
Murchem prados, a flor desfaleça,
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem,
Ao contacto dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

Sempre o céu, como um teto incendiado,
Creste e punja teus membros malditos
E o oceano de pó denegrido
Seja a terra ao ignavo tupi!
Miserável, faminto, sedento,
Manitós lhe não falem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argila cuidadoso
Arco e flecha e tacape a teus pés!
Sê maldito, e sozinho na terra;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és.



A estátua de Gonçalves pelo olhar de Edgar Rocha

Mas é na figura de Ana Amélia Vale, que fica centrada a explosão amorosa de sua conversão ao eros totalizador do fogo do coração, que subjogou-lhe o poder do íntimo, fazendo-o o viver o desdobramento o ónus trágico desse encontro e desencontro.

Segundo Onestaldo de Pennafort, em depoimento a Manuel Bandeira, "Gonçalves Dias viu-a pela primeira vez em 1846 no Maranhão. Era uma menina quase, e o poeta, fascinado por sua beleza e graça juvenil, escreveu para ela as poesias "Seus Olhos" e "Leviana".

"Retornando em 1851, mais tarde, a São Luís, viu-a de novo e já então a menina e moça se fizera mulher, no pleno esplendor de sua beleza desabrochada. O encantamento de outrora se transformou em paixão ardente, e correspondido com a mesma intensidade de sentimento, o poeta, vencendo a timidez, pediu-a em casamento à família."

Mas a família, apesar de o ter em grande estima e consideração, sobreveio-lhe preconceito de raça e casta.

E foi em nome desse preconceito que a família recusou o consentimento.

Ana Amélia aceitaria, segundo historiadores, abandonar a casa paterna e fugir com ele mas o poeta, movido por excessivo escrúpulo e honradez, partiu para Portugal. Esta, o exprobu em carta, por não ter tido a coragem de passar por cima de tudo e romper com todos para desposá-la.

Posteriormente, em Portugal, o poeta sofrera outro rude golpe. Recebeu a notícia de que Ana Amélia, casara-se com rico comerciante também de cor e condições inferiores de nascimento. E ainda em Lisboa, culminou o encontro, num jardim público, que se defrontaram o poeta e a amada. Ambos abatidos pela dor e desilusão em suas vidas. Este é o mote e enredo de "Ainda uma Vez, Adeus", um dos mais belos poemas românticos da língua portuguesa. E revela a partitura dolorosa daquilo que, em outro propósito, outro grande poeta brasileiro afirmaria: "A vida inteira que poderia ter sido e que não foi."

AINDA UMA VEZ – ADEUS

I
Enfim te vejo! – enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Dos teus olhos afastados,
Houveram-me acabrunhado
A não me lembrar de ti!

II
Dum mundo a outro impellido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas asas dos ventos,
Do mar na crespia cerviz!
Baldão, ludíbrico da sorte
Em terra estranha, entre
gente,
Que alheios males não sente,
Nem se condói do infeliz!

III
Louco, aflito, a saciar-me
D'agrar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quase no passo extremo,
No último arcar da esperança,
Tu me vieste à lembrança:
Quis viver mais e vivi!

IV
Vivi; pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez;
Rever-me em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

V
Mas que tens? Não me
conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pôde o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a aflição quanto pode,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

VI
Nenhuma voz me diriges!...
Julgas-te acaso ofendida?
Deste-me amor, e a vida
Que me darias – bem sei;
Mas lembrem-te aqueles feros
Corações, que se meteram
Entre nós; e se venceram,
Mal sabes quanto lutei!

VII
Oh! se lutei!... mas devera
Expor-te em pública praça,
Como um alvo à população,
Um alvo aos ditérios seus!
Devera, podia acaso
Tal sacrifício aceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

VIII
Devera, sim; mas pensava,
Que de mim t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T'esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me aceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu, quinhão de dor!

IX
Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito e, no entanto,
Nem me podes encerrar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

X
Tudo, tudo; e na miséria
Dum martírio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confie;
"Ela é feliz (me dizia)

Seu descanso é obra minha."
Negou-me a sorte
mesquinha...

Perdoa, que me enganei!

XI
Tantos encantos me tinham,
Tanta ilusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde para?
Onde a ilusão dos meus
sonhos?
Tantos projetos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

XII
Enganei-me!... – Horrendo
caos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem
erra.

XIII
Não pode voltar atrás!
Amarga irrisão! reflete:
Quando eu gozar-te pudera,
Mártir quis ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

XIV
Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
C'o que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro;
'Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausência do mal.

XV
Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fora,
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
Deus ab eterno a fizera,
No meu caminho a pusera...
E eu! eu fui que a não quis!

XVI
És doutro agora, e pr'a sempre!
Eu a mísero desterro
Volto, chorando o meu erro,
Quase descrendo dos céus!
Dói-te de mim, pois me
encontras
Em tanta miséria posto,
Que a expressão deste
desgosto
Será um crime ante Deus!

XVII
Dói-te de mim, que t'imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão!... de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miséria,
Da dor que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Também do mal que me fiz!

XVIII
Adeus qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo,
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz comovida
Soluçar um breve Adeus!

XIX
Lerás, porém, algum dia
Meus versos d'alma
arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escritos; – e então
Confio que te comovas,
Que a minha dor te apiade
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, – de
compaixão.
(texto integral de Ainda Uma
Vez Adeus)

Com consultores, poetas,
escritores, etc.